

# A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Éverton Nery Carneiro  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Éverton Nery Carneiro  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 5 [Recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Éverton Nery Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-051-3            DOI 10.22533/at.ed.513201805</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas.            I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.            III. Carneiro, Éverton Nery.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, apresentamos a vocês mais um e-book e, em seus textos, várias possibilidades de reflexão e de uma relação dialógica da educação com os contextos sociais. Pensar e fazer educação no terceiro milênio é um grande desafio. Marcada por uma infinidade de acontecimentos, a educação é o maior observatório social, onde perpassa a complexidade e a diversidade do cotidiano. Organizado em dois eixos temáticos – Educação e seus liames, e Educação e suas tramas sociais – compreendendo 23 artigos, nasce o e-book ‘A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5’.

Os diálogos promovidos no primeiro eixo temático levam a discussões em torno da “Multifuncionalidade do professor...; Educação ambiental...; O fazer docente e a busca da emancipação do aluno...; Gestão...; Instrumentalização na formação de professores...; Prática pedagógica...; Aprendizagem/experiência pedagógica...; Arte/Educação-Ensino Infantil...; Avaliação da Educação Básica...; Educação a distância para democratização do acesso a informação...; ....O sonhar e o lutar por uma Universidade Popular”. Todo esse aparato são amostras de discussões feitas em várias universidades do território brasileiro que, agora, socializamos com vocês, leitores.

O segundo eixo, traz 12 textos que estabelecem relações entre educação e as tramas sociais, articulando um conjunto interessantíssimo de ideias que perpassam a “Educação Superior em Goiás; Educação com imigrantes haitianos; Educação Corporativa; Educação não formal- ONGS e Movimentos Sociais; Educação Profissional; Escola sem fronteira; Ensino híbrido; Estratégias/discursos na reforma educacional mineira (1891-1906); Evasão no Ensino Técnico; Fundamentos interdisciplinaridade na BNCC e Identidade profissional”, todos fruto de investigações e produção de saberes, de pesquisadores brasileiros de áreas diversas. Para dar conta das discussões no eixo da política e das tramas sociais, organizamos esta obra com 23 textos, contendo debates férteis que nascem no cerne da educação. Com isso desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Éverton Nery Carneiro

## SUMÁRIO

### EDUCAÇÃO E SEUS LIAMES

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A “MULTIFUNCIONALIDADE” DO PROFESSOR DO AEE NA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA	
Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos Íris Maria Ribeiro Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5132018051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO DE APOIO À GESTÃO MUNICIPAL DE RECURSOS HÍDRICOS: RELATO DO PROJETO INTERSETORIAL GOTAS DE SABEDORIA	
Natália Zanetti Erika de Freitas Roldão Angela Maria da Costa Grandó Vânia Maria Vieira Sanches Miranda Felipe Augusto Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5132018052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
A FUNÇÃO DA DIDÁTICA CONTEMPORÂNEA NO FAZER DOCENTE, EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO DO ALUNO “REAL”	
Ieda Márcia Donati Linck Fabiane da Silva Verissimo Maria Aparecida Santana Camargo Rosane Rodrigues Felix	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5132018053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A GESTÃO DAS TRAMAS COTIDIANAS DO PROGRAMA MULHERES MIL, COMO POLÍTICA EDUCACIONAL	
Nilva Celestina do Carmo Maria das Dores Saraiva de Loreto Eduardo Simonini Lopes Fabiola Faria da Cruz Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5132018054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTRUMENTALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ECLIPSE DA FORMAÇÃO CULTURAL	
Ana Cristina da Silva Amado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5132018055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE QUÍMICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Petronio Silva de Oliveira José Laécio de Moraes Francisco Evanildo Simão da Silva Josenilton Bernardo da Silva Maria Magnólia Batista Florêncio	

Raimundo Alves Cândido  
Ulisses Costa de Oliveira  
Abraão Lima Verde

DOI 10.22533/at.ed.5132018056

**CAPÍTULO 7 ..... 73**

APRENDIZAGEM EM NUCLEAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Graciela Zachar Gómez  
Caio Augusto de Lima Castro

DOI 10.22533/at.ed.5132018057

**CAPÍTULO 8 ..... 80**

ARTE/EDUCAÇÃO COM PRÉ-HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA TRIANGULAR NAS AULAS DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO ENSINO INFANTIL

Daniel Henrique Alves de Castro  
Roberta Puccetti

DOI 10.22533/at.ed.5132018058

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESCOMPASSO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Maria Emília Gonzaga de Souza  
Gabriel Santos Pereira  
Martha Elisa Santos

DOI 10.22533/at.ed.5132018059

**CAPÍTULO 10 ..... 100**

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DE GESTORES MUNICIPAIS DE CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Alexandre Carlo do Nascimento  
Ronan da Silva Parreira Gaia  
Fabio Scorsolini-Comin

DOI 10.22533/at.ed.51320180510

**CAPÍTULO 11 ..... 115**

DEMOCRATIZAR O ENSINO SUPERIOR E NÃO DEIXAR DE SONHAR: LUTAMOS POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR

Rafael Arenhaldt  
Samara Ayres Moraes

DOI 10.22533/at.ed.51320180511

**EDUCAÇÃO E SUAS TRAMAS SOCIAIS**

**CAPÍTULO 12 ..... 123**

DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA E A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM GOIÁS (1923 - 1955)

Maximiliano Gonçalves da Costa

DOI 10.22533/at.ed.51320180512

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
EDUCAÇÃO COM IMIGRANTES HAITIANOS: UMA EXPERIÊNCIA NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Sandra Felício Roldão Sirlei de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
EDUCAÇÃO CORPORATIVA: COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO	
Adriane Camargo Rezende Perdigão Roberto Kanaane	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL - ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS: SONHO OU PESADELO? O DESAFIO DA EDUCAÇÃO NO TERCEIRO SETOR	
Gustavo Kosieniczuk Gomes Maria Ruth Sartori da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE EMPREENDEDORA	
Simone Aparecida Torres de Souza Cunegundes Roberto Kanaane	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
EDUCAÇÃO: ESCOLA SEM FRONTEIRAS	
Jacqueline Alves de Oliveira Costa Farias Fábio Luiz da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>188</b>
ENSINANDO BIOLOGIA: HISTOLOGIA NA PERSPECTIVA DO ENSINO HÍBRIDO	
Joseane Maria Rachid Martins Mariana da Rocha Piemonte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
ESTRATÉGIAS, IMAGENS E IMAGINÁRIOS ATUANTES NOS DISCURSOS POLÍTICOS REFORMISTAS EDUCACIONAIS EM MINAS GERAIS (1891-1906)	
Raphael Ribeiro Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO: ESTUDO DE CASO	
Claudio Kubilius Roberto Kanaane	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180520</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>226</b>
FUNDAMENTOS DA INTERDISCIPLINARIDADE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UM ESTUDO SOBRE A ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Luíza Olívia Lacerda Ramos Nisângela Oliveira Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>233</b>
IDENTIDADE DOCENTE: TRANSFORMANDO PARA TRANSFORMAR	
Italo Francesco dos Santos Soares Ferreira Ângela Pereira Teixeira Victória Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180522</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>244</b>
UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS E ABORDAGENS RELACIONADAS ÀS TICS NO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO	
Carlos Adriano Martins Priscila Bernardo Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51320180523</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>251</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>252</b>

## AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESCOMPASSO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

*Data de aceite: 11/05/2020*

*Data de submissão: 09/03/2020*

### **Maria Emília Gonzaga de Souza**

Universidade de Brasília - UnB (Brasil), Faculdade  
de Educação - FE  
Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/9369374598773077>

### **Gabriel Santos Pereira**

Universidade de Brasília - UnB (Brasil),  
Departamento de Ciência da Computação (CIC)  
Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/5475597425351619>

### **Martha Elisa Santos**

Universidade de Brasília - UnB (Brasil)  
Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/6145458641364731>

**RESUMO:** Pensando na Avaliação para as aprendizagens como um tema pouco discutido nos cursos de formação de Docentes, o presente trabalho busca apresentar um pouco da realidade de como os professores avaliam seus alunos à luz da Disciplina de Avaliação Escolar oferecida pela Universidade de Brasília (UnB). Analisando os resultados percebe-se o equívoco em relação ao conceito de avaliação, pois diversas vezes há a confusão entre avaliar

e examinar. Os resultados apresentados neste trabalho contaram com pesquisa de campo às escolas de Educação Básica para verificar como a avaliação é feita. Gestores, professores e alunos de escolas públicas e particulares forneceram dados para esta pesquisa. Constatamos que a avaliação é um processo e tem como objetivo diagnosticar e perceber o que foi alcançado ou não. Mas, o ato de avaliar ainda se resume em classificar, reprovar e excluir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação; educação básica; teoria; avaliação formativa.

### EVALUATION IN BASIC EDUCATION: DISPATCH BETWEEN THEORY AND PRACTICE

**ABSTRACT:** Thinking about the Evaluation for learning as a little discussed theme in teacher training courses, the present work seeks to present some of the reality of how teachers evaluate their students in the light of the School Assessment Discipline offered by University of Brasília (UnB). Analyzing the results, the misunderstanding in relation to the concept of evaluation is perceived, because several times there is confusion between evaluating and examining. The results presented in this study

had field research to basic education schools to verify how the evaluation is made. Managers, teachers and students from public and private schools provided data for this research. We note that the evaluation is a process and aims to diagnose and perceive what has been achieved or not. But the act of evaluating is still about classifying, failing, and deleting.

**KEYWORDS:** Evaluation; basic education; theory; formative evaluation.

## 1 | INTRODUÇÃO

Avaliação para as aprendizagens é ainda um tema pouco discutido nos cursos de formação de docentes. Os alunos das licenciaturas afirmam que é um aspecto esquecido em seus cursos e que a maneira como são avaliados reproduz práticas de professores desde a Educação Básica. Por que isso acontece, se a avaliação é parte integrante do fazer pedagógico do professor? Será que essa falta de espaço no currículo dos cursos de formação docente reflete na prática das escolas de Educação Básica e até mesmo na Educação Superior? Foi pensando nesses questionamentos que os alunos da disciplina de Avaliação escolar foram às escolas para verificar como a avaliação acontece e quais concepções norteiam a prática nas escolas.

Muitos textos lidos e estudados na disciplina contribuíram para se perceber pontos significativos referentes à Avaliação. Um ponto significativo é que a avaliação deixa de ser “das aprendizagens” e passa a ser “para as aprendizagens”, assim, o foco deixa de ser o resultado e passa a ser o processo. Infelizmente, isso está na teoria, pois na prática, a concepção equivocada do que é avaliação, muitas vezes, resulta em controle, classificação e, até punição. É o que podemos constatar com esta pesquisa, com dados coletados em escolas do Distrito Federal, públicas e privadas e tomando-se como base as análises as Diretrizes de Avaliação Educacional – DAE, triênio 2014/2016, o documento Currículo em movimento da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (2014) e outros autores que também acreditam nessa concepção de avaliação para o crescimento e desenvolvimento da aprendizagem.

Os instrumentos avaliativos usados pelas Instituições Escolares (veremos nos dados) não obedecem a singularidade de cada indivíduo e nem mesmo os objetivos estabelecidos pelas Diretrizes- DAE (2014), que defende o uso da Avaliação Formativa.

A disciplina tinha como proposta uma ida à escola de Educação Básica com o objetivo de conhecer o desenvolvimento da avaliação nesse espaço e ao planejar a atividade coletivamente algumas questões foram levantadas pelos alunos:

1. Como é o processo de avaliação?
2. A avaliação é planejada pelo grupo de professores ou já é pré-estabelecida

pela instituição?

3. A gestão escolar envolve-se com o processo avaliativo?

4. Quais são os instrumentos de avaliação?

5. Existe algum tipo de avaliação para os professores? Se sim, quem avalia?

6. Qual o procedimento que a escola utiliza para aqueles alunos que não alcançam a média estabelecida?

7. Qual a participação do aluno no processo avaliativo?

8. Existe uma prova interdisciplinar? Como ela acontece?

Ao iniciar as análises um ponto ficou evidente, que seria o seu “pano de fundo”, existe correlação entre a concepção dos professores/gestores entrevistados e a teoria estudada sobre avaliação formativa? Com isso, estabeleceram-se os objetivos da pesquisa, que foram verificar e analisar o desenvolvimento da avaliação em escolas de Educação Básica; seu planejamento e relação com o currículo e diretrizes propostas pela SEE/DF; e a concepção de avaliação dos respondentes e a correlação entre esses dados e teoria estudada na disciplina.

## 2 | NASCIMENTO DA PESQUISA

A iniciativa de escrever sobre como a avaliação acontece nas Instituições de Educação Básica, surgiu no decorrer dos estudos da disciplina de Avaliação Escolar. A turma era composta por 35 alunos, e um dos aspectos enriquecedores é a diversidade de licenciaturas e todos desejosos em saber como avaliar. Na primeira aula foi questionado o que era avaliação e quem gostava de ser avaliado. As respostas foram negativas, ninguém gostava de ser avaliado, e foram surgindo relatos de traumas vividos durante trajetória escolar. Com esses relatos fomos percebendo os tipos de avaliação que são usados, ou deveriam ser, e a turma cada vez mais interessada em saber o que é realmente avaliação e como ela deve acontecer na prática.

Os textos estudados e as discussões em sala foram elucidando o que é avaliar e as várias formas de executar essa tarefa. Mas as experiências vividas pela maioria dos alunos demonstravam que o constante era a tradicional maneira de se avaliar, com instrumentos repetitivos, como provas e exames, talvez por causa da falta de formação ou de interesse e motivação por parte dos professores. Por isso, a pesquisa de campo, veio para verificar se essas práticas continuam nas escolas e confrontar os resultados com a teoria estudada.

## 3 | REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Gonsalves (2011), tem o

ambiente natural e o pesquisador seu instrumento fundamental. Configura-se como estudo de caso e exploratória. Estudo de caso porque se ocupou em compreender e interpretar o fenômeno, levando em consideração o significado que os outros dão às suas práticas. E, ainda, segundo a mesma autora, é um estudo empírico, que analisa um fenômeno dentro do seu contexto de realidade, utilizando de várias fontes de evidência. É também exploratória, porque tenta esclarecer e se aproximar da avaliação nas escolas, porém é um início de pesquisa, que incita aprofundamentos futuros.

Todos os 35 alunos da turma, foram para escolas, como podia ser em grupo, foram visitadas 28 escolas sendo 75% públicas e 25% particulares, com 64 questionários respondidos com as questões acima mencionadas, os sujeitos respondentes foram gestores, professores e alunos.

Para esse trabalho foram selecionadas seis questões para análise, e foram agrupadas por temas, as questões 1 e 4; as questões 2, 3 e 7 e a questão 6. As questões 5 e 8 não foram analisadas para esse texto, somente em sala com os alunos.

#### **4 | AVALIAÇÃO: AINDA UM CAMPO MINADO**

As questões 1 e 4 versam sobre o desenvolvimento da avaliação em escolas de Educação Básica e a concepção de avaliação que norteia a prática. Foi perguntado a gestores, professores e alunos: “Como é o processo de avaliação na escola? E quais são os instrumentos de avaliação utilizados? ”

Com as respostas obtidas percebe-se um equívoco em relação ao conceito de avaliação. Isso acontece não somente com esses respondentes, pois de acordo com Luckesi (2005), avaliar é geralmente confundido com examinar. O que existe, hoje, nas práticas escolares são exames, pois se leva em consideração somente o resultado final, a nota do aluno, seu desempenho final. Sendo assim, não interessa como o aluno atingiu a resposta, seu desenvolvimento ou o que ele sabe antes ou depois da prova. É uma forma de classificar, de definir quem é aprovado ou reprovado. Na maioria das vezes é uma forma autoritária e coercitiva usada por professores e também pela escola para obter certos resultados. Ainda segundo o autor, em uma entrevista ao Colégio Uirapuru, em Sorocaba, São Paulo:

“Os exames escolares têm servido na maior parte das vezes para disciplinar externa e aversivamente os educandos. Têm sido utilizados largamente como um recurso de controle disciplinar impositivo sobre os alunos.” (Luckesi. 2005, p. 2)

Nas respostas de 28 dos respondentes entre professores e gestores, podemos perceber esse equívoco em relação à avaliação. Em suas respostas a avaliação é definida como instrumentos e não como o processo ou metodologia, citam provas,

testes e “pontos acadêmicos” que são separados como “parte formativa”, que seria assiduidade, comportamento, uso do uniforme (na fala dos professores/gestores) como exemplificado na resposta a seguir: *“A avaliação acontece de forma contínua e é dividida em duas partes: parte formativa (avaliando o caderno e o comportamento do aluno) e a forma acadêmica (conteúdo em si)”*. A proposta da Avaliação Formativa não suprime alguns instrumentos, todos têm sua função, mas a maneira de usá-los que é o diferencial: a metodologia e o seu desenvolvimento, e o que se faz com os resultados.

Os instrumentos avaliativos devem servir para adequar conteúdos, metodologias e garantir a aprendizagem do aluno, por isso é fundamental o *feedback* visando a consciência do que foi e o que ainda precisa ser aprendido. De acordo o Currículo em Movimento da Educação Básica (2014), documento orientador do currículo da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, a função formativa de toda avaliação não depende do instrumento ou procedimento utilizado, o que conta é a intenção de incluir e de auxiliar os alunos no aprendizado, não pode servir para punição, exposição ou humilhação. E sim, ter como objetivo a conscientização e o estímulo para que os profissionais da educação tenham o olhar na aprendizagem do aluno. Ainda, segundo Roldão (2015, p. 580) a avaliação não pode ser desvinculada do currículo, isto é, do ensino e da aprendizagem, pois ela é objeto promotor da qualidade da aprendizagem, é um “dispositivo transformador, pelo efeito da reflexão que implica, da prática pedagógica na sua globalidade. ”

Na questão 4, quando perguntado: “Quais são os instrumentos de avaliação utilizados?” Vários instrumentos foram citados, tais como: simulado, caderno, exercícios, redação, avaliação interdisciplinar, portfólio, apresentação oral, prova em dupla, trabalho em grupo entre outros, no entanto, o mais mencionado é a prova, que foi confirmado pelos alunos. Por mais que cada professor/gestor cite vários instrumentos de avaliação, pode-se inferir que esses não têm a perspectiva formativa. O intuito ainda é de classificar, excluir, de controlar os alunos, pois ao cruzar as respostas, quando perguntados sobre qual procedimento adotado com os alunos que não alcançam a média, respondem que aplicam outra prova, não há um retorno e nem reflexões com os alunos para que esses retomem o que não aprenderam. Alguns alunos que responderam a essa questão disseram que fazem as provas e recebem o resultado na reunião bimestral, não há nenhuma devolutiva durante o bimestre, é o resultado por ele só.

Dos 42 professores/gestores entrevistados 8 citaram o comportamento, assiduidade e uso de uniforme como ponto avaliativo, faz parte da nota final do aluno. Demonstrando controle, obrigatoriedade e comportamento para ganhar ponto. E acima de tudo, é a avaliação informal presente, implicitamente, mesmo que esse conceito não tenha sido mencionado por nenhum dos respondentes e

também por ser tão pouco discutido nos estudos sobre avaliação, é notório como ela é utilizada de forma pontual e muitas vezes determina a progressão dos alunos.

A análise dos resultados das avaliações deve resultar em reelaboração ou confirmação do processo. O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal ressalta que: “[...] *Mudam-se os tempos e espaços escolares, as abordagens e os enfoques que devem sempre estar a serviço das aprendizagens de todos (as) e para todos (as) em articulação com os projetos político-pedagógicos.*” (BRASÍLIA, p. 19, 2016).

Ainda, propõe que Instituições e educadores reflitam com os alunos e consigo mesmas as perguntas: Para que ensinar? O que ensinar? Como ensinar? O que e como avaliar? Porém, o cenário que nos deparamos é diferente, as escolas muitas vezes estão focadas em preparar os alunos para o vestibular, concursos, exames em larga escala, e com isso, uma cobrança de notas, classificações, ao contrário da proposta de avaliação formativa. Os professores e Instituições estão preocupados com os resultados e não com o objetivo principal, a aprendizagem.

As questões 2, 3 e 7, buscam saber sobre o planejamento da avaliação, quem participa, se os gestores e alunos participam ativamente do planejamento ou do processo, a saber: “A avaliação é planejada pelo grupo de professores ou já é pré-estabelecida pela instituição?”, “A gestão escolar envolve-se com o processo avaliativo?” e “Qual a participação do aluno no processo avaliativo?”

A maioria dos respondentes afirma que a elaboração do processo avaliativo, e nesse caso, como já foi dito, somente a elaboração dos instrumentos, as decisões em relação a tudo que a envolve é feita somente pelos professores, como podemos verificar por algumas respostas, “*A Semana de Provas era a metodologia trabalhada na gestão anterior e continuou nessa gestão atual.*”, “*Feita pelo professor.*”, “*À cargo do professor.*” A avaliação ainda é instrumento de poder, quem elabora decide o que será avaliado, quando, como e qual será o instrumento. Como é ressaltado no Currículo da SEE/DF “*A avaliação é uma categoria do trabalho pedagógico complexa, necessária e diz respeito a questões tênues como o exercício do poder e a adoção de práticas que podem ser inclusivas ou de exclusão.*” (2014, p.71). O aluno, mais que qualquer outro sujeito do processo é deixado de lado, é considerado imaturo e sem possibilidade de opinar, como podemos verificar em algumas respostas, “*Não existe participação do aluno no processo seletivo porque por serem crianças menores, elas não tem muita ideia do que seja avaliação, né?*”, “*O aluno é exposto a avaliações.*” Esse é um aspecto que nem mesmo os autores discutem, o aluno como é dito por um dos professores é exposto a avaliações e isso está naturalizado, “*não precisa participar*”. Sua participação é passiva, “*sofrer*” a avaliação, no sentido literal da palavra.

Apesar dos pontos negativos que percebemos no decorrer da pesquisa, entre

eles, a dissociação com o currículo, de ser ainda um instrumento de coerção e da falta de participação democrática dos interessados, alguns aspectos são esperançosos, alguns professores e gestores, afirmam que a avaliação é processual, dinâmica e que existe um diálogo como os alunos no sentido de rever, reelaborar e de retomar o que ainda não foi aprendido.

Na questão 6, foi perguntado: “Qual o procedimento que a escola utiliza para aqueles alunos que não alcançam a média estabelecida? ”

Na educação infantil, os estudantes não precisam alcançar média, mas o que se percebe, pelas respostas, é que existe o “padrão” do estudante que as instituições desejam, e para aquele que não corresponde, são tomadas providências. Se um aluno não se comporta, não faz tarefas, não aprende como esperado, ou qualquer outro aspecto que foge do desejado, os pais são chamados na escola para tomar as providências necessárias, muitas vezes, até com indicação de acompanhamento psicológico, por causa da inadequação. A avaliação informal torna-se muito presente nessa fase da Educação Básica. E segundo documento do MEC para Educação Infantil (2015), a avaliação precisa ser concreta, com objetivos explícitos, com observações e investigação sistemáticas e submetida às práticas do contexto educativo, sem juízos subjetivos.

É previsto na LDB a recuperação de estudos, entretanto, é um desafio propor uma recuperação contínua de forma pedagógica e processual dentro da concepção de avaliação formativa. Os mecanismos de recuperação utilizados pelas escolas estão mais voltados para o alcance de notas, independente do aprendizado, a exemplo disso, temos o mais utilizado que é a prova de recuperação, e em último caso, o conselho de classe, que por sua vez acontece sem a presença do aluno e dos pais, retirando a responsabilidade de todos os envolvidos. A progressão continuada, entendida muitas vezes como progressão automática, “passar o aluno automaticamente” é confirmada por algumas respostas: *“Na verdade a escola não desenvolve nenhum projeto, fica muito livre para o professor desenvolver ou não, mas o professor sabe que ele tem que passar[...]”*

“A escola em si não estabelece nenhum procedimento de recuperação, além do que é feito no final de cada semestre[...]”

E um aluno afirma: *“Que eu me lembre só as provas de recuperação no final do ano.”*

Em outro documento do MEC - Indagações sobre currículo (2007, p.37), no que se refere ao Conselho de Classe, ressalta

“O espaço do conselho de classe poderia estar destinado a traçar estratégias para as intervenções pedagógicas com os estudantes, com os grupos. [...] as formas e procedimentos de avaliação dos professores, construção coletiva de ações que levariam a uma maior qualidade do trabalho pedagógico, [...]”

Traçar estratégias em conjunto envolvendo toda a comunidade escolar tornando-se um espaço e tempo de aprendizagens e para que o aluno progrida aprendendo.

A avaliação ainda é um campo minado, ainda, pois pode deixar de ser. A avaliação tem que possibilitar a retomada para se saber o que ainda não se sabe, praticar o que ainda não se pratica.

## 5 | FINALIZANDO...

Avaliação é um processo, e tem como objetivo principal atingir a aprendizagem e subsidiar o percurso, diagnosticar, revelar o que foi alcançado e o que ainda precisa ser aprendido. Vimos nessa pesquisa que ainda hoje ocorrem muitos equívocos em relação a sua concepção e principalmente a sua prática. Onde está a origem desse equívoco e por que ainda nas escolas a avaliação está a serviço da classificação, da reprovação e exclusão? Nas discussões em sala, na disciplina Avaliação escolar, com futuros professores, percebeu-se que existe uma falha nos cursos de formação docente. Nos vários cursos a avaliação é desconhecida e praticada equivocadamente por professores que repetem o que vivenciaram na educação básica que muitas vezes foi irrefletido e pouco planejado. Um círculo vicioso, que precisa ser quebrado para que a avaliação tome seu verdadeiro lugar na vida escolar dos alunos, deixe de ser o monstro e passe a ser a fada madrinha da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. *Indagações sobre currículo*, 2007

BRASÍLIA, Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. *Currículo em movimento da Educação Básica*, 2014

\_\_\_\_\_. *Contribuições para a Política Nacional: avaliação em educação infantil a partir da avaliação de contexto*. -- Curitiba: Imprensa/UFPR, 2015

\_\_\_\_\_. *Diretrizes de Avaliação Educacional triênio 2014-2016*

GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre: Iniciação à Pesquisa Científica*. Aliena, Campinas, São Paulo, 2011.

LUCKESI, Cipriano. Website:www.luckesi.com.br, 2005

ROLDÃO, Maria do Céu. *Avaliação da aprendizagem em sala de aula: conceitos, percepções e propostas*. Rev. Estudos sobre Avaliação Educacional. São Paulo, V.26, n.63. Set./Dez. 2015

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abandono Escolar 215, 216, 217, 225

Ações Afirmativas 115, 116, 117, 118, 119, 122

Aprendizagem 5, 18, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 40, 43, 62, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 90, 91, 93, 96, 97, 99, 101, 102, 106, 107, 109, 112, 133, 135, 138, 140, 142, 147, 151, 154, 156, 168, 183, 185, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 201, 228, 231, 233, 235, 237, 239, 242, 244, 245, 247, 248, 249, 250

Arte 28, 29, 71, 73, 74, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 168, 183, 249, 251

Atendimento Educacional Especializado 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 248

Aula prática 188, 191, 194, 196

Avaliação 17, 33, 47, 59, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 113, 118, 142, 151, 168, 177, 180, 185, 192, 197, 225

### B

BNCC 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 247, 249

### C

Competência 36, 109, 148, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 160, 166, 201, 206, 211, 213

Cotidiano 9, 38, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 81, 83, 84, 85, 110, 142, 150, 155, 241

Cultura política 199, 200, 201, 202, 213

### D

Didática 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 77, 109, 242

Direitos humanos 133, 135, 136, 146, 147, 160

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 23, 24, 25, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 250, 251

Educação a Distância 100, 101, 107, 109, 112, 113, 114  
Educação Ambiental 12, 14, 24, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72  
Educação Básica 9, 2, 6, 10, 19, 40, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 108, 117, 137, 139, 140, 170, 179, 185, 225, 227, 229, 232, 246, 249, 250  
Educação Corporativa 148, 150, 151, 152, 155, 156, 157  
Educação não formal 158, 160, 166  
Educação Profissional 40, 46, 47, 157, 170, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 200, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 225  
Ensino Técnico 40, 170, 172, 215, 217  
Extensão popular 116, 117

## F

Formação cultural 48, 50, 51, 52, 54, 55, 58, 59  
Formação de professores 3, 4, 5, 8, 10, 11, 36, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 227, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 251  
Formação Profissional 100, 101, 102, 172, 202, 235, 238, 246

## G

Gestores 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 38, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 114, 154, 162, 169

## H

Histologia 188, 189, 190, 192  
História da Educação 72, 200

## I

Identidade 54, 76, 161, 166, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 248  
Identidade Profissional 233, 241, 242  
Interação 27, 30, 32, 33, 34, 36, 40, 63, 64, 69, 70, 81, 109, 133, 135, 140, 142, 162, 175, 185, 226, 231, 232  
Interdisciplinaridade 62, 63, 64, 69, 71, 75, 226, 228, 229, 231, 232  
Interiorização 53, 124

## M

Modernização 106, 107, 124, 164  
Multidisciplinaridade 13

## P

Pensamento Complexo 73, 74, 228, 232

Política 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 24, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 59, 65, 66, 83, 99, 105, 106, 112, 113, 118, 124, 125, 130, 134, 136, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 169, 181, 184, 199, 200, 201, 202, 205, 211, 213, 219, 225, 241

Política Pública 6, 37, 38, 45, 47

## S

Sensibilização 12, 13, 16, 17, 63, 71, 146

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**